



XXXIII SIC SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Evento	Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2021
Local	Virtual
Título	O papel da família nas trajetórias LGBTQIA+
Autor	MARCOS VINÍCIUS RIBEIRO CAMPOS
Orientador	PAULA SANDRINE MACHADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcos Vinícius Ribeiro Campos¹ e Paula Sandrine Machado²

¹Voluntário de iniciação científica ²Orientadora

O papel da família nas trajetórias LGBTQIA+

Este estudo integra a pesquisa mais ampla “Produção de subjetividades, tecnologias de governo e as relações com a cisheteronorma: trajetórias de vida no que tange à orientação sexual e à identidade de gênero”, desenvolvida pelo NUPSEX-UFRGS. O objetivo é verificar o papel da família nas trajetórias LGBTQIA+. Família entendida, aqui, como um grupo de pessoas com laços afetivos e/ou sanguíneos com dependências jurídicas e financeiras. A pesquisa que ancora este estudo, ainda em andamento, utiliza metodologia qualitativa, composta por entrevistas não estruturadas, as quais são analisadas a partir das narrativas e da rede enunciativa que as compõem. Até o momento, foram realizadas 33 entrevistas, com perfis heterogêneos - homens e mulheres cis e transsexuais, travestis, heterossexuais, bissexuais, pansexuais, gays, lésbicas, pessoas não-binárias, brancas, negras, de diferentes classes sociais e escolaridades. Percebeu-se uma maior facilidade dos LGBTQIA+ se relacionarem com figuras femininas da família do que masculinas (as quais protagonizaram episódios de violência em alguns momentos), mesmo que essas ainda expusessem, constantemente, um preconceito velado. Além disso, frequentemente, quando as famílias não entravam em divergência pela orientação sexual e/ou identidade de gênero da pessoa, essa atitude era justificada com “melhor assim do que drogado”, seguindo uma lógica do “menos pior”. Ademais, alguns LGBTQIA+ apresentaram um medo de perder o amor e o apoio da família ao expor sua identidade. Muitos dos que perderam esse apoio encontraram na comunidade LGBTQIA+ e em instituições como grupos de acolhimento uma rede de apoio, a qual tomava o lugar da família. Por fim, um padrão se repetiu em muitas famílias: após rejeitar a pessoa LGBTQIA+, com o passar do tempo a família começava a ter uma relação amigável. Assim, identifica-se seguidamente a família como reprodutora da cisheteronorma, embora, algumas vezes essa tenha acolhido seus familiares LGBTQIA+.